

VIVÊNCIAS DO CAVALO MARINHO COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL: A TRAJETÓRIA E O LEGADO DO MESTRE ZÉ DE BIBI (2014-2025) ¹

Experiences of Cavalo Marinho as Intangible Heritage: The Trajectory and Legacy of Master Zé de Bibi (2014-2025)

Silvaneide da Silva Santana²

Orientação: Prof. Dr. Allan Alves da Mata Ribeiro³

RESUMO

A presente pesquisa analisou vivências do Cavalo Marinho como Patrimônio Imaterial a partir da trajetória e do legado de José Evangelista de Carvalho, o Mestre Zé de Bibi. Em diálogo com Beatriz de Miranda Brusantin (2011), Marcos Olender (2017) e Antonio Torres Montenegro (2024), entrevistamos o Mestre e sua filha Michelle de Jesus Carvalho, atual gestora e tesoureira do Boi Tira-Teima, brincadeira localizada no Sítio Malícia, na zona rural do município de Glória do Goitá - PE. Dessa forma, discutimos a sua atuação na cultura popular, enriquecendo a percepção sobre sua relevância como patrimônio imaterial e difundindo a história desse artista e brincante da cultura pernambucana. Concluímos que a trajetória do Mestre contribuiu na difusão e manutenção do folguedo no município, destacando a relevância deste Patrimônio Imaterial.

Palavras-chave: Cavalo Marinho, Patrimônio Imaterial, Mestre Zé de Bibi.

ABSTRACT

This research analyzes the lived experiences of Cavalo Marinho as Intangible Cultural Heritage through the trajectory and legacy of José Evangelista de Carvalho, known as Mestre Zé de Bibi. In dialogue with Beatriz de Miranda Brusantin (2011), Marcos Olender (2017) and Antonio Torres Montenegro (2024), we conducted interviews with the Mestre and his daughter, Michelle de Jesus Carvalho, current manager and treasurer of the Boi Tira-Teima, a folklore performance located at Sítio Malícia, in the rural area of the municipality of Glória do Goitá, Pernambuco. In this way, the study aims to understand their roles within popular culture, enriching the perception of their importance as intangible heritage and disseminating the story of this artist and brincante of Pernambuco's cultural traditions. We conclude that the Mestre's life trajectory contributes to the diffusion and continuity of the folguedo in the region, highlighting the significance of this intangible heritage.

Keywords: Cavalo Marinho, Intangible Heritage, Mestre Zé de Bibi.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Federal de Pernambuco, CAAE: 85020824.6.0000.5208.

² Graduanda em Licenciatura em História na UFPE.

³ Doutor em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu no contexto do curso de Licenciatura em História, especificamente na disciplina de Educação Patrimonial. Durante a disciplina, foi proposto um trabalho sobre patrimônio histórico, o que motivou a escolha do tema voltado ao patrimônio da cidade de Glória do Goitá, com ênfase na figura de José Evangelista de Carvalho, mais conhecido como Mestre Zé de Bibi. Após essa experiência, surgiu o desejo de ampliar a pesquisa e explorar a trajetória de vida do Mestre e sua contribuição para as manifestações culturais locais. Analisamos a brincadeira do Cavalo Marinho Boi Tira-Teima, questionando como as experiências com esse patrimônio imaterial são vivenciadas e preservadas na região da Mata Norte de Pernambuco.

O Cavalo Marinho é patrimônio da Zona da Mata e trata-se de uma espécie de teatro e memória popular, um folguedo das vivências cotidianas de trabalhadores canavieiros da região da Mata de Pernambuco e Paraíba (Brusantin, 2011). O folguedo é representado pelo enlace de danças, teatros e músicas que expressam a vivência rural e as lutas cotidianas dos brincantes. A brincadeira não apenas retrata a força do trabalho no campo, mas afirma-se como um símbolo de resistência cultural, construindo uma ligação entre o passado e o presente, e suscitando questionamentos sobre as relações sociais que as circundam.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória de José Evangelista de Carvalho, Mestre Zé de Bibi, e sua contribuição para a preservação e difusão do Cavalo Marinho como expressão da cultura popular em Glória do Goitá. Nessa perspectiva, partimos de uma análise da trajetória de vida do Mestre, destacando suas experiências pessoais e o contexto no qual se deu a atuação no grupo Boi Tira-Teima. Destacamos as transformações da brincadeira, envolvendo a comunidade onde esse Cavalo Marinho nasceu. Finalmente, discutimos um percurso das políticas preservacionistas do patrimônio cultural imaterial no município de Glória do Goitá.

Natural de Glória do Goitá, Mestre Zé de Bibi é o fundador do Cavalo Marinho Boi Tira-Teima, situado no Sítio Malícia, no mesmo município, sendo uma referência fundamental desta rica manifestação cultural. O Mestre é uma importante figura da cultura popular, reconhecido como Patrimônio Vivo de Pernambuco pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - Fundarpe, em 2018. Começou a

brincar no ano de 1961 e, desde então, tem se mantido disposto a compartilhar seus saberes com grande hospitalidade. E não brinca apenas de Cavalo Marinho, ele também se destaca como Mestre mamulengueiro. É importante ressaltar que o município de Glória do Goitá é denominado por seus habitantes como o “Berço do Mamulengo”, por ser uma terra que deu origem a importantes mestres do Maracatu, do Mamulengo e do Cavalo Marinho. Além disso, destaca-se por abrigar o primeiro Museu do Cavalo Marinho do Brasil, fundado e mantido pelo Mestre Zé de Bibi.

Segundo Pelegrini e Funari (2008), o Patrimônio imaterial pode ser definido como o conjunto de práticas, expressões e representações, de diferentes grupos e indivíduos que as reconhecem como parte de seu patrimônio cultural. A Unesco, nessa perspectiva, evidencia a necessidade de registrar essas expressões a fim de assegurar seu reconhecimento e continuidade. Essa concepção engloba tradições e expressões orais, artísticas e atos festivos herdados e partilhados por gerações. Presente na Mata Norte, o Cavalo Marinho é um rico exemplo de patrimônio imaterial, visto que, além de folguedo, se apresenta também como um teatro de rua, com danças e toadas. Buscamos ampliar o reconhecimento e a preservação dessa tradição, que é fundamental para a identidade do município de Glória do Goitá.

Mobilizamos a pesquisa de Beatriz de Miranda Brusantin (2011) como referência. Sua obra oferece uma análise do Cavalo Marinho, apresentando uma discussão acerca das experiências vivenciadas pelos brincantes e a correlação com sua realidade social. A pesquisa é essencial para entender a importância do Mestre na preservação do folguedo, assim como as transformações que este folguedo sofreu e os elementos tradicionais que perduraram ao longo do tempo. A pesquisa também dialoga com estudos sobre a relevância da participação das comunidades na preservação das tradições culturais. Segundo Marcos Olender (2017), as dimensões afetivas que conectam comunidades e patrimônios desempenham um papel fundamental, pois as vivências e percepções em torno dos bens culturais são atravessadas pela afetividade — elemento essencial para sua valorização e preservação no âmbito comunitário.

Considerando uma abordagem sensível às subjetividades dos brincantes, fundamentamos nossas análises nas contribuições do historiador Antonio Torres Montenegro (2024), cujos estudos em História Oral permitem uma compreensão das percepções e vivências associadas à brincadeira popular. As entrevistas realizadas com o Mestre Zé de Bibi, no primeiro trimestre de 2025, constituem fontes essenciais

para aprofundar o entendimento não apenas sobre o Cavalo Marinho enquanto folguedo, mas, sobretudo, quanto aos sentidos que essa manifestação assume para seu fundador. Esses relatos permitem vislumbrar como esse patrimônio foi se transformando ao longo da vida do Mestre, revelando dimensões afetivas, identitárias e históricas da brincadeira.

Ao debruçar-se nas vivências do Mestre, fica evidente não apenas seu profundo vínculo afetivo com essa manifestação cultural, mas também sua atuação dentro dela e a percepção da comunidade local sobre seu papel. Zé de Bibi é um homem muito influente em sua comunidade, o que faz o entendimento sobre brinquedo popular passar primeiro pela trajetória de quem o mantém vivo.

2 MESTRE ZÉ DE BIBI FUNDA O CAVALO MARINHO BOI TIRA-TEIMA

Figura 1: Mestre Zé de Bibi (83 anos)



Fonte: Acervo pessoal de Rildo Oliveira, 2025.

José Evangelista de Carvalho, popularmente conhecido como Mestre Zé de Bibi, nasceu em 7 de julho de 1942, no município de Glória do Goitá. Tornou-se referência regional e nacional na tradição do Cavalo Marinho, encantando gerações com sua arte e contribuindo de forma significativa para a valorização do patrimônio imaterial pernambucano.

Nossa entrevista foi realizada no primeiro trimestre de 2025, no sítio histórico do Cavalo Marinho. O primeiro entrevistado foi o Mestre Zé de Bibi, que demonstrou

grande hospitalidade e disposição para descrever a sua trajetória. Segundo o historiador Antonio Torres Montenegro (2024), todo relato oral constitui um tipo de narrativa histórica que carrega marcas de um coletivo, não sendo possível separar o relato de seu contexto social. Assim, esse tipo de pesquisa exige sensibilidade e paciência por parte do entrevistador pesquisador. Montenegro (2024) destaca a importância de ouvir os silêncios, lacunas e hesitações presentes nas falas, além de prestar atenção na articulação do que foi dito com outros registros documentais, cruzando até mesmo com relatos orais de pessoas diferentes. É crucial ir ao campo disposto a estabelecer uma conexão com o folguedo e os sentimentos em torno dele. Esses saberes não cabem nos moldes rígidos da academia, visto que os relatos muitas vezes escapam da lógica narrativa tradicional.

A respeito de um Mestre da cultura popular como o Zé de Bibi, foi importante abrir espaço na entrevista para uma conversa aberta e pouco estruturada, considerando não somente o máximo de informações possíveis mas o sentimento em torno de cada resposta. Isto posto, iniciamos a entrevista conversando sobre infância, um ponto sensível, contudo que abriu espaço para o estabelecimento de confiança entre entrevistado e entrevistadora.

O Mestre é filho de Pedro Evangelista de Carvalho e Maria Rosalia do Espírito Santo. Ainda na infância, o artista recebeu o apelido de Bibi, nome que o acompanhou ao longo de sua trajetória. Segundo o Mestre, seu pai morreu quando ele tinha apenas sete anos, e sua mãe se chamava Bibi, por isso, atrelado ao nome da mãe, veio a origem do seu apelido. Ele cresceu onde vive ainda hoje, no sítio, trabalhando na criação de gado e na lavoura, onde diariamente planta, cuida e colhe, ao lado dos filhos e netos. Sobre seu contato com o Cavalo Marinho, este ocorreu por volta dos dez anos de idade, quando assistiu uma apresentação do folguedo realizada na casa de um vizinho.

Encantado com o espetáculo, o jovem Zé de Bibi teria manifestado o desejo de formar seu próprio grupo. Segundo o entrevistado, essa experiência marcou profundamente sua trajetória e constituiu um dos marcos fundantes de sua relação com a brincadeira. Zé de Bibi recorda:

O primeiro cavalo marinho que eu vi foi aí pertinho do outro lado daqui de casa. (...) Lá percebi o cavalo marinho a noite todinha. Quando saí de lá, bem cedo, saí com aquilo na mente, dizendo comigo mesmo: quando eu crescer, eu vou fazer um cavalo marinho

para mim (Zé de Bibi, 2025).

Todavia, a rotina de trabalho e o porte pequeno do Mestre Zé de Bibi fez muitos duvidarem se sua capacidade de montar um Cavalo Marinho próprio. Um jovem que trabalhava na lavoura desde cedo, ajudava a sustentar a família e tinha tantas obrigações, teria a capacidade e tempo necessários para uma tarefa tão árdua como esta: coordenar um grupo de Cavalo Marinho? A realidade do trabalho desde a infância, porém, não foi uma situação isolada para o Mestre. No início dos anos 1950 a região da Zona da Mata de Pernambuco era uma região muito marcada pela economia açucareira, com a presença de muitas usinas e concentração de latifúndios. O trabalho na lavoura marcava a realidade do período, como marca ainda hoje, onde pensa-se Zona da Mata como um região com pouco desenvolvimento de atividades ligadas à cana, uns poucos espaços de agricultura familiar (Barbosa, 2014). Dentro dessas condições, Zé de Bibi, decidido, queria algo maior.

Ao longo de sua juventude no universo da brincadeira, observou outros mestres que lhe inspiraram e, assim, aprendeu as toadas e cantigas. De acordo com o entrevistado, não precisava ouvir muito tempo para decorar o que ouvia. Ainda durante sua juventude, o então mestre do Mamulengo, Severino da Cocada, convidou José Evangelista para brincar. Foi nesse período que ele conheceu o ofício de brincante da Cultura Popular:

Eu, quando estava na minha infância, cuidei de dois anos de mamulengo. Comecei brincando no mamulengo e fui convidado para tocar triângulo. Na função de cultura, fiz muitos espetáculos, participando de cirandas e cocos de roda. Depois, fui convidado para tocar triângulo no mamulengo de Bui da Cocada. Do triângulo, passei para o bombo, depois passei a representar bonecos. Brinquei por dois anos (Zé de Bibi, 2025).

Aprender vendo, sem qualquer ensino formal, apenas observando os mestres mais velhos. Durante uma conversa com Bui da Cocada, Zé de Bibi relatou o desejo de montar seu próprio Cavalo Marinho. Bui da Cocada duvidou, respondendo que a brincadeira era muito pesada e que dificilmente as pessoas enfrentavam o desafio. Não era “coisa para qualquer um”, comentou Bui da Cocada, ao que Zé de Bibi respondeu: “Porque sou pequeno? Sou pequeno, mas sou completo, você é grande, e não dá dois”. Disse em tom de brincadeira, mas sentiu-se desafiado. O mestre

acreditou em seu sonho e naquele momento pensou, “vou mostrar pra todo mundo que eu vou fazer meu grupo de Cavalo Marinho” (Zé de Bibi, 2025).

Aos poucos foi arquitetando seu projeto e, a partir daí, foi convidando os vizinhos e amigos a participarem da brincadeira. Em 1961, com aproximadamente 19 anos de idade, Zé de Bibi fundou o Tira-Teima, marcando o seu legado no Cavalo Marinho. O título do grupo foi pensado como uma resposta ao amigo Biu da Cocada que duvidou de que seria de fato possível para Zé de Bibi fundar o grupo. “Tirar a teima” é um ditado popular, significando desafiar teimosamente alguém que não acredita na empreitada. Apesar do desafio da brincadeira, ele aponta que conseguiu montar o grupo:

Decidi não brincar mais no mamulengo e decidi fazer um cavalo marinho para mim no ano seguinte. Alguns falavam que o cavalo marinho era uma brincadeira muito pesada, não seria para todo mundo enfrentar cavalo marinho (Zé de Bibi, 2025).

Com o desejo de consolidar seu próprio grupo de Cavalo Marinho e sabendo que não seria possível concluir o desafio sozinho, Zé de Bibi buscou aproximação com outros brincantes, articulando alianças. Seu primeiro movimento foi visitar um amigo chamado Braz, a quem solicitou permissão para que seus cinco filhos integrassem o projeto. Com a autorização concedida, deu início à organização do grupo: providenciou uma rabeca e um bombo, e iniciou os ensaios em uma palhoça de capim construída no próprio terreiro. Não havia tempo ruim que impedisse a brincadeira. Relata que, nos períodos de chuva, os ensaios eram realizados no interior do mucambo — termo que utiliza para descrever um espaço improvisado, erguido com capim e lenha:

Se estivesse chovendo, nós brincávamos dentro do mocambo. Quando estava estiado, brincávamos no terreiro, mais fácil. Por conta disso, quando começamos a brincar, tinha uma casa aqui. Eu fiz de lado, uma puxadinha de capim. Também brincava cavalo marinho (Zé de Bibi, 2025).

Após quase um ano de ensaios, organizou fantasia e instrumentos para a primeira apresentação em sua comunidade. No terreiro, o Cavalo Marinho iniciava a apresentação com as encenações dos brincantes, acompanhadas por músicas, danças, toadas, sambadas. Entre os personagens, destacavam-se Catirina, Mateus,

bastião entre outras figuras⁴. Segundo o Mestre, as apresentações aconteciam à noite e seguiam até o dia amanhecer, e durava isso tudo porque o Boi Tira-Teima tinha muita ajuda de todos.

A respeito da importância do comunitário na manutenção de museus, o livro *Práticas Educativas em Museus Comunitários*, com entrevistas organizadas por Marcela Lins e Guilherme Benzaquen (2024), relata o resultado de pesquisas com diversos mestres e brincantes que mantêm seus museus vivos. Ao entrevistar Michelle de Jesus, filha do Mestre Zé de Bibi, Lins e Benzaquen perceberam qual era o principal objetivo do Museu do Cavalo Marinho à época. Na fala da entrevistada, a principal intenção do museu é de ser educativo, por isso Michelle toma cuidado em estabelecer uma constante relação com as escolas e os moradores das cidades vizinhas ao Sítio Malícia.

Figura 2: Palhoça do Boi Tira-Teima



Fonte: Acervo pessoal de Michelle de Jesus, 2009.

Mestre Zé de Bibi deu início, aos 19 anos, à formação de seu próprio grupo de folgado, vindo a conquistar, ao longo da trajetória, reconhecimento e diversos títulos por sua atuação na cultura popular. É fundador do Cavalo Marinho Boi Tira-Teima e do sítio do Cavalo Marinho, local aberto atualmente para visitação, localizado no Sítio Malícia, zona rural da Cidade de Glória do Goitá. Hoje, o sítio apresenta biblioteca, casa de farinha, capela e pequenas casas que formam uma pequena vila. Uma das casas foi transformada em museu, onde são preservadas

⁴ No Cavalo Marinho “figura” é o nome dado aos personagens da brincadeira, como Mateus, Catirina e Capitão.

fantasias, instrumentos e outros elementos do folguedo, compondo um acervo que narra não apenas a história da brincadeira, mas também a trajetória de seu Mestre.

O entrevistado se dedica à divulgação e à preservação da cultura popular, ensinando as novas gerações de crianças e jovens, encantando os visitantes do Sítio Histórico do Cavalo-Marinho. Afirma o Mestre : “[...] Fico satisfeito, fico muito orgulhoso porque sou muito visitado, os pessoal vêm tudo da crença ao meu trabalho e me gostam do ambiente, aqui tudo é bom. Muitas pessoas se admiram porque comecei a brincar com o cavalo marinho” (Zé de Bibi, 2025).

Com mais de oitenta anos, Zé de Bibi apresenta muito vigor físico e possui um profundo domínio nos diálogos dos personagens, detentor de um rico conhecimento para executar a dança e ensinar aos outros brincantes. Dedica-se à divulgação e à preservação da brincadeira, repassando seu conhecimento e saberes geração em geração, encantando aos admiradores das expressões culturais. Essa é sua principal responsabilidade como Patrimônio Vivo, mas apesar da responsabilidade oficial, já o fazia antes de ser consagrado como tal. E o fazia por amor à brincadeira e por se sentir grato pela influência que tem na comunidade.

Com relação a organização da dança, o mestre desempenha um papel central. Sua atuação vai além de ser apenas um mestre ou líder nas apresentações, sendo um grande guardião da cultura popular, responsável pela condução do folguedo, dono de um grande conhecimento que entrelaça a história e os rituais. Como afirma Teixeira: “[...] um mestre além de um grande conhecedor de um brinquedo cumpre outras funções específicas no próprio ‘fazer’ da brincadeira... Muitas vezes ele também é um artesão, ou seja, quem confecciona tais artefatos” (Teixeira, 2013, p.113).

Ainda sobre a figura do mestre, é importante ressaltar que esse homem serve como elo entre os brincantes, passando valores e significados enraizados na cultura das comunidades. Em sua função como líder, assegura que os aspectos sociais e espirituais da brincadeira sejam respeitados, para construção de uma identidade. Guia a apresentação com seu apito, não deixando nada passar despercebido. O legado do mestre mostra a relevância de suas experiências e sua determinação em estabelecer, nas comunidades, o engajamento nas apresentações da brincadeira, envolvendo e conectando espaços de memória e aprendizagem.

Sua trajetória vem ancorada não só como um grande guardião, mas também um agente de mudanças, assegurando que o folguedo se mantenha vivo nos dias

atuais. O Cavalo Marinho Boi Tira-Teima passou por diferentes transformações e ao longo do tempo teve diversas configurações, porém manteve-se vivo. Com mais de 60 anos desde a criação, já realizou diversas apresentações, mobilizando toda a família, entre eles: filhos, netos, jovens e adultos.

Contudo, segundo o entrevistado, ao longo dos anos alguns brincantes antigos morreram ou foram se afastando. Foi então que ele encontrou nas filhas a maneira de manter viva toda a cultura que aprendeu. Nessa perspectiva, Michelle de Jesus, filha, afirma: “Na minha vida, na cultura popular, o mestre que mais me inspira, sem sombras de dúvidas, é o meu pai. Ele é a fonte de toda minha inspiração” (Michelle de Jesus, 2025).

Nossa segunda entrevista foi realizada com a citada filha do mestre, Michelle de Jesus, no primeiro trimestre de 2025. Jovem, mulher e estudante, Michele ocupa atualmente o cargo de principal gestora do grupo e principalmente responsável por responder os assuntos que tratam do pai, Mestre Zé de Bibi. Além de ser uma brincante ativa no folguedo, também trabalha como produtora cultural e se atualiza acerca de editais de cultura a qual possa inscrever o seu grupo.

O Cavalo Marinho Boi Tira-Teima não é o único a incluir mulheres no universo do Cavalo Marinho, tradicionalmente masculino⁵. Mas tendo esse grupo como foco, ele se destaca porque as mulheres começaram a brincar interpretando personagens historicamente interpretados por homens, vestindo figuras femininas, como Catirina e as Baianas. De acordo com relato da sua filha Michelle Jesus (2025), as mulheres entraram na brincadeira entre os anos 2002 e 2010, e se tornaram ainda mais ativas nos anos seguintes. Michelle, quando perguntada sobre o principal desafio encontrado durante sua gestão, respondeu que é difícil manter uma tradição antiga traduzindo tudo isso para os mais jovens, mas ela toma esse desafio como seu e de sua família. As filhas do mestre sentiram a necessidade de fazer parte do grupo. Como afirma Michelle:

Então, foram adaptações que precisaram ser feitas para a gente não deixar a cultura do nosso pai morrer, né, porque ele sozinho não conseguiria manter, sabe. Ele é de uma geração que é diferente dessa geração, a gente precisou conectar a geração dele com a

⁵ A respeito da presença feminina, esta tem se ampliado, com mulheres atuando como brincantes e guardiãs da tradição, contribuindo para a continuidade do folguedo, que pode ser observada em grupos como Flor de Manjerona, Estrela Brilhante e Estrela da Manhã.

geração da gente. Conectar o conhecimento dele com a nossa geração (Michelle de Jesus, 2025).

Como evidência Ulpiano Meneses (1999), os valores afetivos estruturam a identidade, a memória e os vínculos subjetivos. O autor usa o exemplo de uma velhinha rezando em uma catedral e espantando os que faziam uso do espaço somente como patrimônio turístico, mostrando como esses vínculos se entrelaçam com os bens culturais. Esta reflexão pode ser atrelada ao folguedo, que com o decorrer das gerações, é visto não só como uma expressão cultural, mas também traz consigo um grande elo afetivo e histórico para seus brincantes, e para comunidade que a preserva. Suas transformações carregam em si a tentativa de permanência e os brincantes lutam para preservar as memórias, vivências, e as tradições, que são essenciais para alicerçar a identidade do folguedo.

José Evangelista é uma figura de grande importância na representação da cultura popular. A paixão dedicada à divulgação e à preservação desse patrimônio imaterial lhe rendeu o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade da edição do ano de 2009. O seu trabalho na arte de salvaguardar o patrimônio imaterial do Cavalo Marinho foi amplamente reconhecido ao longo de sua trajetória, sendo agraciado com diversos prêmios e homenagens. Entre eles, destacam-se:

- Patrimônio Vivo de Pernambuco (Fundarpe, 2018)
- Título de Notório Saber em Cultura Popular (UPE, 2021)
- Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade (IPHAN, 2009)
- Prêmio Construtores da Cultura (Secretaria de Cultura de Recife, 2008)
- Prêmio Culturas Populares - Cem Anos de Frevo - Maestro Duda (Ministério da Cultura, 2007)
- Prêmio do Conselho Municipal de Política Cultural do Recife (2008)
- Comenda de Mérito Cultural (Câmara de Vereadores de Glória do Goitá, 2023)
- Homenageado do Carnaval de Glória do Goitá (2024)
- Homenagem do 2º Festival de Saberes da Cultura Popular (2025)
- 3º Prêmio Ayrton de Almeida Carvalho de Preservação do Patrimônio Cultural – Edição 3, Categoria Documental e Memória.

Essas premiações refletem sua atuação na valorização da cultura popular. O

legado do Mestre é marcado pela resistência, pelo grande saber sobre o Cavalo Marinho e por uma vida dedicada à cultura popular. Como o próprio declarou, fazer o brinquedo lhe prolongou os anos de vida dando-lhe energia e felicidade. Durante vários anos, ele não só brincou, mas trilhou caminhos para novas gerações, mantendo viva a expressão cultural secular da Zona da Mata de Pernambuco. A atuação do Mestre no Cavalo Marinho fez dele uma referência dentro e fora da comunidade, tornando-se reconhecido não só pelos brincantes, mas também por instituições culturais.

Esse reconhecimento se materializou no 2º Festival dos Saberes da Cultura, que teve como homenageado Zé de Bibi. Ocorrido em Glória do Goitá, o festival contou com uma programação com artistas da cultura popular, sendo realizado entre os dias 22 e 23 de fevereiro do ano vigente de 2025. O evento foi aprovado no edital “Festivais, Mostras e Celebrações – LPG”, com incentivo do Governo do Estado, Ministério da Cultura e Governo Federal, além do apoio da Prefeitura Municipal.

Durante o festival, houve uma homenagem a Zé de Bibi. A apresentação foi marcada pela emoção e pela forte presença da comunidade. A performance foi conduzida pelos brincantes, com toadas, dança e encenações que cativaram a comunidade. A força do legado de Zé de Bibi se fez presente não apenas na apresentação, mas também na interação entre brincantes e espectadores, que, ao final, se envolveram nos folguedos, entrando na roda de coco e na sambada. Com mais de 63 anos dedicados ao folguedo, o mestre Zé de Bibi segue sendo um grande símbolo de resistência e paixão pela cultura popular. Esse reconhecimento no Festival dos Saberes da Cultura reafirma a relevância de sua trajetória e a necessidade de manter viva essa tradição.

Como destaca Maria Cecília Londres Fonseca (2017), a Constituição Federal de 1988, especialmente nos artigos 215 e 216, reconhece a cultura como um direito fundamental dos cidadãos e afirma a importância do patrimônio cultural brasileiro, ao integrar a diversidade de expressões que constituem a identidade nacional. Nesse sentido, a valorização da trajetória de Mestres da cultura popular, como Zé de Bibi, reforça a centralidade dessa legislação na proteção e promoção das manifestações culturais tradicionais. Eventos e iniciativas que celebram o Cavalo Marinho, portanto, não apenas reconhecem sua relevância artística e histórica, mas também materializam os princípios de respeito à cultura.

2.1 AS TRANSFORMAÇÕES NO FOLGUEDO

Raquel Dias Teixeira (2012) destaca o Cavalo Marinho como uma prática de resistência, enfatizando as relações entre a manifestação cultural e as vivências históricas dos trabalhadores rurais. Assim, essa expressão não está limitada a uma mera apresentação sem contexto ou simbolismo, mas compõe um espaço de preservação da memória coletiva e afirmação da identidade. O Cavalo Marinho Boi Tira-Teima carrega não só elementos lúdicos, mas também um papel essencial na reafirmação da cultura afrodescendente na região. Michelle de Jesus também conta da origem da brincadeira e alega que esta nasceu dos negros nas antigas senzalas, do período da escravidão. Em suas palavras “o Cavalo Marinho é uma brincadeira bem antiga né, lá do tempo da escravidão aqui no Brasil...muita coisa se perdeu” (Michelle, 2025).

Figura 3: Apresentação do Cavalo Marinho Boi Tira-Teima



Fonte: Acervo pessoal de Rildo Oliveira, 2025

O Boi Tira-Teima passou por uma mudança significativa e as mulheres começaram a ocupar papéis centrais no folguedo, um movimento que se intensificou entre os anos 2002 e 2010. Essa transformação contribuiu para salvaguardar e preservar suas histórias. As modificações refletem um processo mais amplo de mudanças no universo do Cavalo Marinho, que não permanece fixo ao longo do tempo. Como apresentou Souza (2013), o folguedo teve que se adaptar às novas condições sociais e culturais para se manter vivo. Nessa conjuntura de imersão das

mulheres no folguedo, Michelle de Jesus aponta.

Então a gente, enquanto filhas, tá criando esse novo legado para o Tira-Teima, um legado onde as mulheres estão à frente, onde a gente enxerga que não é mais um cavalo marinho como o meu pai faz, não é mais um cavalo marinho como o meu pai fazia, mas é um novo, uma nova época, uma nova perspectiva para o Tira-Teima, porque é um cavalo marinho como nós mulheres, como nós filhas fazemos (Michelle de Jesus, 2025).

A inserção das mulheres no universo do Boi Tira-Teima é um grande exemplo desse processo de ressignificação da tradição. Por isso, o próprio mestre reconhece essas transformações afirmando que, atualmente, o grupo pode ser chamado Cavalo Marinho das Mulheres, e que estas meninas brincam muito bem. Ele expressa felicidade com a participação das filhas, afirma com orgulho que, quando partir, deixará a história certa, confiando que seu legado permanecerá vivo.

Figura 4: Apresentação Cavalo Marinho Boi Tira-Teima



Fonte: Acervo pessoal Rildo Oliveira, 2025

É possível perceber que as mulheres que fazem parte da brincadeira, em destaque as filhas do mestre, expressam durante as entrevistas, o prazer de fazer parte do folguedo. Michelle de Jesus, evidenciou a necessidade dessas mudanças para que a brincadeira mantenha-se viva:

Manter como uma tradição viva, ele perdeu muitas, sabe, muitas horas de apresentação, porque o cavalo marinho, antigamente, meu pai conta que cavalo marinho era brincado, sabe, do comecinho ali da noite, finalzinho da tarde, comecinho da noite e até o começo do outro dia, 5, 6 horas da manhã, o pessoal estava brincando no terreiro, e sambando, e quanto mais botava personagem, mais tinha personagem. Então, para se manter uma cultura viva, o cavalo

marinho teve que perder essas horas de brincadeira, porque quando a gente é contratado, a gente brinca uma hora, no máximo duas. Então, sabe, isso foi uma adaptação que precisou realmente ser feita para não se perder (Michelle, 2025).

Desse modo, assim como outras manifestações culturais, o Cavalo Marinho Boi Tira-Teima está em constante reconstrução. No decorrer dos anos, passou por transformações para se manter nos dias atuais, assegurando que o universo simbólico continue sendo apresentado às novas gerações mesmo após a partida dos primeiros brincantes.

No que tange ao tempo de apresentação da brincadeira, este passou por algumas mudanças ao longo dos anos. Segundo o mestre, as brincadeiras, durante muito tempo, duravam a noite toda até o dia amanhecer. Por isso, conforme discutido por Rosely Tavares de Souza (2013) “[...] é difícil, no momento contemporâneo, assistir a uma apresentação de Cavalo Marinho que tenha duração de mais de três horas”. Nos dias atuais as apresentações têm duração de 30 a 60 minutos, no máximo.

Todavia a redução no tempo das apresentações não significa a perda completa da tradição, mas um movimento de adaptação necessário para garantir sua continuidade. Como pontua ainda Rosely Tavares de Souza (2013), essa mudança é essencial para que o folguedo exista em diferentes contextos e nos formatos contemporâneos. Nessa perspectiva, esse fenômeno se articula com a análise de Bruzantin (2015), ao destacar como os brincantes passaram a circular entre o campo e os circuitos culturais urbanos, o que também influenciou a estrutura da brincadeira.

Atualmente, o Cavalo marinho Boi Tira-Teima é o único “Cavalo Marinho de Bombo” da zona da mata pernambucana⁶. A brincadeira é formada por ganzá, rabeca e bombo, o que confere um tom mais lento à música e se assemelha ainda mais ao coco de roda. De modo geral, o folguedo se encerra com uma grande roda entre as sambadas e o coco. No fim da brincadeira, qualquer pessoa pode entrar e dançar.

Como conta Zé de Bibi, o seu Cavalo Marinho possui diversas figuras que foram criadas por ele. Em suas apresentações estão presentes figuras Boi, Capitão, Mateus, Caboclo de Pena, entre outras. E a transformação da brincadeira não está

⁶ Cavalo Marinho de bombo é um variante local do Folguedo popular que destaca o uso do tambor/bombo e difere do formato mais conhecido da brincadeira, que não faz uso de bombo..

apenas no modo como esta continuou a se perpetuar, mas também na maneira como ele é vivenciado e ressignificado por gerações. Essa perspectiva nos lembra a noção de patrimônio cultural imaterial, com seus modos de fazer que mudam de acordo com o período histórico, como algo nada monolítico. Como diz o Mestre, agora outras pessoas cuidam do seu legado.

Durante o trabalho de campo, tive a oportunidade de assistir a duas apresentações e de observar a paixão dos brincantes pela manifestação cultural. O Mestre, suas filhas e demais integrantes do grupo não apenas preservam a tradição, mas também a reinventam, atribuindo novos significados ao folguedo por meio das performances e das representações. Um exemplo marcante ocorreu em 22 de dezembro de 2024, durante uma apresentação no Sítio Malícia: a encenação do personagem Caboclo de Pena, protagonizado pelas filhas de Zé de Bibi, ilustrou de forma contundente a inserção das mulheres em papéis historicamente reservados aos homens. Em tempos anteriores, seria impensável que uma mulher pudesse representar certas figuras no contexto do Cavalo Marinho, como a figura do Boi, por exemplo.

Além disso, o que mais encantou foi a recepção calorosa dos brincantes aos visitantes, revelando um aspecto fundamental dessa expressão cultural: o Cavalo Marinho é um espaço de troca, onde os visitantes sentem a energia da brincadeira. Ulpiano Bezerra (1999) fortalece essa visão ao discutir que o patrimônio cultural é um cenário vivo de pertencimento e interação, e não apenas um espaço de memória preservada, salientando que o folguedo permanece vivo pela relação de afetividade que os brincantes estabelecem com a tradição. Nessa conjuntura, Marcos Olender (2017, p. 324) evidencia: “Valor afetivo este que considero como principal indicador social da relevância histórico cultural de um bem para a sua comunidade”. Na vivência do Cavalo Marinho, o valor afetivo se manifesta ativamente na relação entre brincantes e a comunidade, entrelaçando vínculos que fortalecem a tradição e reiteram a sua relevância como patrimônio.

Como já apresentado, no ano de 2006, foi criado o Museu do Cavalo Marinho em uma das pequenas casas do povoado do sítio histórico. Esse museu é composto por um acervo de fantasias, roupas, máscaras e instrumentos que foram produzidos pelas mãos do próprio Mestre Zé de Bibi, suas filhas e alguns amigos brincantes. O espaço está integrado em uma área que conta com uma biblioteca rural e uma casa de farinha. Nesta última ocorrem as brincadeiras. O objetivo do museu é a

preservação da memória do folgado, afirma a gestora Michelle de Jesus. A memória da brincadeira não é apenas um resgate do passado, mas um mecanismo de resistência. Como expõe Teixeira (2012), a expressão cultural se mantém viva porque consegue dialogar com as mudanças históricas, reafirmando a sua importância nas disputas culturais dos dias atuais.

Figura 5: Fachada do Museu



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024

A instituição recebe regularmente visitas de escolas, pesquisadores, admiradores do Cavalo Marinho e membros da comunidade local. Durante essas visitas, são promovidas oficinas educativas conduzidas pelas filhas do Mestre, com a participação ativa de José Evangelista, que enriquece as atividades por meio de relatos sobre suas vivências e trajetória no folgado. Sua disposição em compartilhar conhecimentos é acompanhada por uma postura acolhedora, marcada pela hospitalidade e pelo compromisso com a preservação da cultura popular.

Nesse sentido, como destacado por Lucélia Santos Siqueira (2019, p. 312), “(...) devemos proporcionar-lhes oportunidades e elementos de reflexão para que decidam quais vestígios do passado querem preservar”. Essa perspectiva contribui para ampliar o sentido das visitas ao espaço, transformando-as em experiências formativas.

3 POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: O CAVALO MARINHO EM GLÓRIA DO GOITÁ (2014-2024)

A Constituição de 1988, no artigo 216, estabeleceu que o patrimônio cultural brasileiro é composto por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, que sejam portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos. São considerados patrimônio cultural as formas de expressão, os modos de fazer, viver e criar, bem como as criações artísticas, científicas e tecnológicas. Além de obras, objetos, construções e documentos, o patrimônio cultural inclui também sítios e espaços de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico entre outros.

As políticas de preservação do patrimônio cultural imaterial realizam função essencial ao promover a salvaguarda de expressões culturais, saberes e tradições constitutivas das identidades. A partir da promulgação do Decreto nº 3.551, de 2000, o Brasil institucionalizou diretrizes voltadas ao reconhecimento e registro de bens culturais de natureza imaterial, com o objetivo de assegurar sua proteção e valorização. Tais medidas buscam respeitar a diversidade cultural e garantir a participação dos grupos sociais detentores desses bens na formulação e execução das políticas públicas de preservação (Pelegrini; Funari, 2013).

Conforme discutido por Sandra Cássia Araújo Pelegrini e Pedro Paulo Abreu Funari (2008), a Convenção da UNESCO de 2003 consolidou a compreensão de Patrimônio Cultural Imaterial como um conjunto de práticas, representações, expressões, saberes e técnicas que são transmitidos de geração em geração. É nessa conjuntura que essa seção busca explorar um percurso nas políticas preservacionistas do patrimônio cultural imaterial no município de Glória do Goitá.

No que tange ao recorte temporal, situa-se por meados dos anos de 2014 a 2024. Esse recorte abrange um período marcado por mudanças significativas para a trajetória do Cavalo Marinho Boi Tira-Teima, período em que se ampliou o reconhecimento institucional do folguedo e da atuação do mestre Zé de Bibi como Patrimônio Vivo de Pernambuco, entre outros reconhecimentos públicos recebidos pelo mestre nesse período, como prêmios, títulos e homenagem em diversas esferas.

No entanto, a análise não se limita a esse recorte: utilizamos dados anteriores, como o da origem da brincadeira, em 1961, dados estes necessários para o entendimento da trajetória das políticas de preservação.

Ao longo dos anos, tais políticas vêm sendo desenvolvidas, sobretudo por meio de editais públicos, nos quais os fazedores de cultura inscrevem seus projetos com o intuito de obter apoio financeiro. Nesse cenário, destaca-se o depoimento de Michelle, que aponta a dificuldade recorrente de acesso a recursos municipais capazes de manter o grupo Boi Tira-Teima em pleno funcionamento.

Dentre as políticas públicas aplicadas, destacam-se a Lei Paulo Gustavo, Lei Aldir Blanc e Cultura viva, que são marcos financeiros relevantes para o reconhecimento e preservação das expressões culturais⁷⁸. Contudo, a preservação na cidade de Glória do Goitá tem sido marcada por descontinuidades, o que acaba comprometendo a valorização e resistência cultural. Não há qualquer política contínua de fomento e os fazedores de cultura constantemente retiram do próprio bolso os mantimentos, e muitos dependem das visitas escolares para preservar o legado. Como relata Michelle:

Os principais desafios para preservar a divulgação do patrimônio da gente é realmente o apoio dos órgãos municipais, (...). Quando a gente tem apoio municipal é quando a gente vai lá pedir, dá umas cinco viagens na prefeitura pra conseguir apoio para as festividades que a gente faz aqui, então a gente vai pedir ajuda na iluminação, a gente vai pedir ajuda na alimentação do pessoal né, que a gente recebe muitas pessoas para realmente não deixar essa cultura acabar (Michelle, 2025).

Desde a criação do Cavalo Marinho Boi Tira-Teima, há uma acentuada discussão a respeito das políticas públicas para a preservação e manutenção, como relembra o Mestre:

Hoje tenho ajuda do governo, às vezes a prefeitura, quando eu preciso de alguma coisa, ajuda. Mas na época tinha essa história não, era meu esforço. Eu trabalhava muito. Tinha esse sítio aqui, trabalhava nesse sítio. Trabalhava, plantava roça, coqueiro, apurava coco roçando e eu mantinha minhas coisas, minhas fantasias. Todo ano fazia uma fantasia nova do meu punho, não era de ninguém. Ia

⁷ A Lei Paulo Gustavo, criada em 2022 durante a pandemia da Covid-19, é uma política emergencial para o setor cultural, nomeada em homenagem ao ator Paulo Gustavo. Sua criação contou com forte mobilização da sociedade civil e das classes artísticas.

⁸ Criada em 29 de junho de 2020, durante a pandemia da COVID-19, a Lei Aldir Blanc estabeleceu apoio emergencial à cultura, sendo posteriormente tornada permanente pela Câmara dos Deputados.

pra loja e comprava fantasia nova todinha. Quando cavalo marinho saía, tudo novo, bonito. Aí o povo dizia "é Zé de Bibi mesmo, ninguém chega perto". Trabalhava, criava bichos, fazia meus recursos, graças a Deus, toda vida trabalhava pra ter as coisas e sempre eu fui um cabra que resolvia as coisas (Zé de Bibi, 2024).

Essa afirmação mostra como, mesmo diante dessa ausência de incentivo financeiro, a preservação e continuidade da expressão dependiam de seu esforço e dedicação ao folguedo. Nos dias atuais, o Cavalo Marinho tem se inscrito em editais de fomento à cultura, como os já citados Lei Paulo Gustavo e Lei Aldir Blanc, que auxiliam no processo de manutenção e preservação. Outro auxílio importantíssimo é a Bolsa do Patrimônio Vivo, que é recebida mensalmente por José Evangelista como pessoa física, e não para o grupo em si, como afirma sua filha Michelle em entrevista:

(...) então a gente não recebe a Bolsa como pessoa jurídica, e sim como pessoa física. A gente tá tentando aí conseguir a pessoa jurídica porque fica para o grupo, para manter o grupo, manter toda a estrutura, né, e é uma bolsa maior. E a Bolsa é para manter o meu pai, né, manter ele, tratar saúde, adquirir medicamento para ele, adquirir, sabe, melhoras mesmo, para melhorar a qualidade de vida dele, mas ele pega esse patrimônio, mas investe também dentro do museu. Então, as políticas públicas que a gente consegue, sim, de apoio são quando acontecem esses editais, né, como foi a Lei Paulo Gustavo, a Lei Aldir Blanc, a gente consegue essas bolsas, mas não são mensais, né, são premiações. E a manutenção financeira é totalmente do bolso do meu pai e da Bolsa do Patrimônio (Michelle, 2025).

O reconhecimento oficial de alguém como Patrimônio Vivo parte de um concurso que reconhece anualmente mestres, mestras, grupos e comunidades atuantes da cultura popular. De acordo com o Catálogo do Registro do Patrimônio Vivo, foi instituído pela lei do Estado de Pernambuco, Lei nº 12.196, na data de 02 de maio do ano de 2002 (Pernambuco, 2024). Essa política foi regulamentada objetivando a preservação do patrimônio imaterial, realizada pelo Governo do Estado de Pernambuco. Tem como responsáveis os órgãos da Fundarpe (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) e Secult-PE (Secretaria de Cultura do Estado Pernambuco), que exercem importantíssimo papel na valorização e salvaguarda dos saberes tradicionais dessas comunidades e grupos.

A respeito do título de Patrimônio Vivo, o mesmo concede uma bolsa vitalícia para o grupo e a comunidade, e também para pessoas físicas. Essa bolsa tem o

propósito de proporcionar financiamento para a manutenção da cultura popular e da memória dos saberes tradicionais. A efetivação dessa política pública abre caminhos de salvaguarda do patrimônio, a fim de transmiti-lo de geração para geração.

A trajetória da brincadeira se estabeleceu em legado de resistência pessoal, familiar e comunitária. Um efetivo exemplo foi o reconhecimento do Mestre como Patrimônio Vivo. Essa política mergulha em um universo de resistência, o qual possibilitou a ampliação de seu conhecimento, assim como a manutenção dessa rica história. De acordo com Zé de Bibi:

Quando cheguei, com 30 dias, chegou a história, patrimônio vivo. Aí quando foi pra receber o prêmio foi uma agonia, porque recebi dois prêmios. Tá aí no museu, quase que canso de tirar retrato, me perguntando: "Você ganhou dois prêmios?" Eu digo, eu não sei disso, não sei nadinha, só sei que tô com dois prêmios (Zé de Bibi, 2024).

A participação ativa de suas filhas também influenciou no acesso às políticas públicas. Conta o mestre:

Tem uma que toma conta, responsável pelos pagamentos, se inscreve nos eventos. O cavalo marinho, faz projeto, tá tudo na mão dela. Eu só fico somente assinando. Fico muito feliz com a participação das filhas, faço igual ao ditado: quando eu morrer, eu deixo a história certa. Eu tô confiando que sim (Zé de Bibi, 2024).

É entre toadas, dança e memória, junto à família e comunidade, que o Cavalo Marinho resiste. As políticas de incentivo vieram para somar junto ao esforço do Mestre, contribuindo para manter a memória viva que pulsa no corpo dos brincantes desde sua origem. Entre versos e escrita, fecho este texto reafirmando a necessidade de que a história de Zé de Bibi e do Cavalo Marinho seja preservada, floresça e siga firme. Que os incentivos ultrapassem homenagens e editais pontuais, tornando-se compromisso para novos investimentos. Assim como o Mestre, que até hoje mantém viva essa herança. O legado do Cavalo Marinho merece proteção, reconhecimento e permanência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a trajetória do Mestre contribuiu significativamente para a difusão e manutenção do folguedo, destacando sua relevância como patrimônio

imaterial. A pesquisa percorreu seu caminho de vida, evidenciando suas atuações como referência cultural profundamente enraizada na história do Cavalo Marinho Boi Tira-Teima. Os relatos teceram uma conexão entre a origem da brincadeira e sua própria história, da infância à juventude e aos tempos atuais, onde a vida se entrelaça com o universo cultural popular.

O Cavalo Marinho Boi Tira-Teima passou por diferentes transformações ao longo do tempo, tanto em suas apresentações quanto na forma como dialoga com a comunidade. Ainda assim, tem se mantido resistente, assegurando sua preservação. Essa continuidade tem como base a atuação do mestre, dos brincantes e das filhas do mestre, que, nos dias atuais, exercem papéis fundamentais na partilha dos saberes e na gestão que sustenta o folguedo.

É necessário destacar também a importância do papel das políticas públicas de financiamento, que também atuaram para a manutenção do folguedo — como a Bolsa Patrimônio Vivo e os editais culturais. Mesmo limitados, esses investimentos foram importantes ferramentas para o fortalecimento da cultura popular, e para o reconhecimento de mestres e fazedores de cultura.

A trajetória de José Evangelista de Carvalho nos mostra como a cultura popular está imersa em um universo de forças, resistências e pertencimento. Por meio de sua atuação junto ao Tira-Teima, o Mestre revela as relações estabelecidas entre a brincadeira, a comunidade e a construção da identidade local.

Ao concluir esta pesquisa, reitero a importância de compreender que o legado do Cavalo Marinho atravessa dimensões afetivas, resistências históricas, memórias e políticas públicas, constituindo-se como uma prática que se renova entre gerações, mantendo viva a tradição na região da Mata Norte pernambucana.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gustavo de Souza Barbosa. **A Usina Central Barreiros e as implicações socioeconômicas no espaço urbano de Barreiros, Pernambuco.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Recife: UFPE, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11013/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Gustavo%20de%20Souza%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2025.

BENZAQUEN, Guilherme; LINS, Marcela. **Práticas Educativas em Museus Comunitários.** Recife: Funcultura, 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações

determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão n. 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais n. 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo n. 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p. ISBN 978-85-7018-698-0.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. **Capitães e Mateus: relações sociais e as culturas festivas e de luta dos trabalhadores dos engenhos da mata norte de Pernambuco (comarca de Nazareth – 1870-1888).** Campinas: Tese de Doutorado, 2011.

CARVALHO, José Evangelista de. **Entrevista com integrantes do grupo de Cavalo Marinho Boi Tira-Teima.** Entrevista concedida a Cábria Rosa Barbosa e Silvanaide da Silva Santana. Fev. de 2025.

CARVALHO, Michelle de Jesus; CARVALHO, Neuza de; CARVALHO, Nalva de. **Entrevista com integrantes do grupo de Cavalo Marinho Boi Tira-Teima.** Entrevista concedida a Silvanaide da Silva Santana. Mar. de 2025.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão.** Brasília: Iphan, 2012, p. 25-39. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/4%20-%20MENESES.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Memórias e reflexões: história oral em movimento. **Revista História Oral**, v. 27 n. 2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v27i2.1503>. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/issue/view/58>. Acesso em 1 jun. 2025.

OLENDER, Marcos. O Afetivo efetivo. Sobre afetos, movimentos sociais e preservação do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v.35, 2017. P. 321-341. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat_35.pdf. Acesso em: 5 set. 2024.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial.** São Paulo: Editora Hedra, 2008

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. 116 p. (Coleção Primeiros Passos; 331). ISBN 978-85-11-00149-5.

PERNAMBUCO. **Catálogo anual de registro do Patrimônio Vivo de Pernambuco: 2024.** Recife: Fundarpe; Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, 2024. Disponível: <https://online.fliphtml5.com/rabfh/vush/>. Acesso em: fev. de 2025).

SIQUEIRA, Lucília Santos. Educação Patrimonial e Ensino de História nas áreas metropolitanas. **Revista História Hoje**, v. 8, p. 302-325, 2019. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/362/308>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SOUZA, Rosely Tavares de. **Transformações na prática do folgado Cavalo Marinho na Zona da Mata Norte de Pernambuco (1960-2000)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

TEIXEIRA, Raquel Dias. **A poética do cavalo-marinho**: brincadeira-ritual na Zona da Mata de Pernambuco. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rio de Janeiro, 2013.